

# DANÇAS CIRCULARES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO COM ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

VLADIS CARBONARI  
ZELIA APARECIDA MILANI PARIZOTTO  
ROGÉRIO ZAIM DE MELO  
UFMS – DOURADOS – MATO GROSSO DO SUL - BRASIL  
vladiscarbonari@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Dançar é uma forma de integrar o corpo, movimento, expressão, pensamento e sentimento facilitando o potencial criativo, a autopercepção, a comunicação, e as transformações do indivíduo e de suas relações (VALLE, 2008; BARTON, 2006; ALMEIDA, 2005).

Barreto (2008) salienta que dançar expressa um dos maiores prazeres, nos gestos e movimentos o homem busca o indizível, é como se a dança fizesse parte do ser, uma ação que traz uma sensação de alegria, poder, liberdade de expressão, sentimento de euforia interna e, principalmente, superação dos limites.

A dança nasceu com o próprio Universo na observação do ritmo, elemento fundamental que domina o movimento cósmico, antes da linguagem oral o homem dançou manifestando a arte em tudo que tinha um significado, com movimentos instintivos, naturais, espontâneos, representativos de suas vivências, em forma de ritual (VERDERI, 2009; RODRIGUES, 2002).

Tendo em vista os benefícios da dança como instrumento de harmonização, autoconhecimento e celebração, o bailarino Bernhard Wosien na década de 1960 percorreu diversos países coletando e resgatando a dança das tradições de diferentes povos, implantando-as, no dia-a-dia da comunidade de Findhorn, na Escócia, como expressão cultural, florescendo o movimento das danças circulares ligado à vida, à experiência, sensibilidade e abertura para o mundo, acrescidas de novas criações, coreografias, ritmos e significações (WOSIEN, 2006; COSTA, 2002; RAMOS, 2002).

Sara Marriot, no ano de 1983, vem de Findhorn para o Brasil, trazendo a inspiração das danças circulares para os diferentes momentos da vida, como nascimento, casamento, plantio, chegada das chuvas, entrada da primavera, colheita, dançando em círculos conectados entre si, de mãos dadas, voltados para um centro comum seguindo coreografias, sem hierarquia ou competição, porém com atitudes cooperativas, superando erros, manifestando o melhor de cada um (BILLARD, 2007; OSTETTO, 2007).

Para participar da dança circular não precisa ter conhecimentos, nem habilidades específicas oriundas do dançar, basta estar presente no círculo, pois não só o corpo físico, mas também, a alma, se torna mais alegre, leve, ágil, e flexível (OSTETTO, 2009).

Sotero e Ferraz (2009) relatam que a Educação Física escolar com a dança deve propiciar desafios motores, cognitivos, culturais, linguísticos e afetivos, aos professores e alunos, cumprindo seu papel de formar indivíduos mais críticos e reflexivos.

Na ementa curricular e na sequência didática de Educação Física do Ensino Fundamental do Governo do Estado, os conteúdos e objetivos são propostos respeitando as fases de desenvolvimento, as relações sociais e de gênero, a possibilidade de superação de preconceitos, e a partir do 6º ano as danças circulares são indicadas pela importância da vivência do maior número de práticas corporais possíveis (MATO GROSSO DO SUL, 2008).

A formação dos sujeitos ocorre em diversas instâncias sociais e não se pode ignorar o papel da Educação Física, e nem limitar seu conteúdo aos esportes, pois tal conduta fortalece a formação de sujeitos adequados a uma sociedade competitiva e preconceituosa, assim, no Brasil e no mundo a dança vem ganhando cada vez mais espaço, pois dança é educação através da arte, a ser aprendida, compreendida, experimentada e explorada, numa tentativa de

levar o indivíduo a vivenciar o corpo em todas suas dimensões, através da relação consigo mesmo, com os outros e o mundo (LIMA; DINIS, 2007; GARIBA, 2005).

Segundo Sampaio (2002), a interação entre corpo e mente pode ser recuperada por meio da dança, elemento importantíssimo para o objetivo deste estudo que correlacionou as perspectivas encontradas entre os gêneros masculino e feminino, onde, normalmente a menina dança e o menino não dança.

O repertório, então, amplo e variado, incluiu danças da Grécia, Escócia: “Shetland”, Romênia: “Alunelul”, Brasil: “Ciranda”, Bretanha Francesa: “Círculo Circasiano” Argentina: “Retorno a La Paz” e Contemporâneas: Enas Mythos, Give yourself to Love, Xamã e Don’t worry, be happy”, e as rodas foram realizadas em forma de círculos, desenhando linhas, espirais, meandros na sua movimentação, trabalhadas obedecendo aos critérios de complexidade, das mais fáceis para as mais complexas (VALLE, 2000).

Buscando romper com o paradigma do gênero justificou-se o presente estudo, pois as danças circulares não utilizam nenhum estereótipo na sua realização, ao mesmo tempo são atividades milenares que devido à roda, necessitam que todos estejam integrados, independentes do gênero.

O objetivo do presente estudo consistiu em investigar a perspectiva dos alunos (as) do 8º ano do Ensino Fundamental em duas escolas da cidade de Dourados-MS, acerca das danças em geral antes da aplicação das rodas de danças circulares e quanto as danças circulares depois da aplicação das rodas, correlacionando as perspectivas encontradas entre os gêneros e analisando as dificuldades encontradas nas danças.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Para atingir os objetivos propostos neste projeto realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo descritiva. Optou-se por esta tipologia, pois, segundo Chizzotti (1996 *apud* ZAIM-DE-MELO, 2003) os pesquisadores que adotam essa orientação se dedicam à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que se constroem suas vidas e suas relações, a compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais ou então dos vínculos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão.

A presente pesquisa, de acordo com a responsabilidade de condução científica, atendendo a resolução 196/96 (BRASIL, 2002), foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário da Grande Dourados-UNIGRAN (protocolo 129/10).

A pesquisa foi desenvolvida com alunos do 8º ano do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Dourados-MS, sendo a amostra de 47 alunos, 23 de uma turma da escola pública e 24 de outra turma de uma escola privada. A opção por essas turmas deu-se ao fato de acreditar que os adolescentes nesta faixa etária estariam mais abertos a novidades.

Os dados obtidos foram analisados por meio do método de Análise de Conteúdo, utilizando como referencial teórico os estudos de Triviños (1987 *apud* ZAIM DE MELO; FERRAZ 2007).

Com o intuito de iniciar o processo investigativo, utilizou-se um vídeo documentário sobre o assunto, danças circulares; nas aulas seguintes, aplicaram-se as rodas demonstradas e vivenciadas pelos alunos em cada escola. Ao término de cada aula relatou-se em um diário de campo as observações da pesquisadora quanto às reações dos alunos (as) com base nas orientações de observações em pesquisa qualitativa elaboradas por Lüdke e André (1986 *apud* ROSA SILVA, 2008).

Para obtenção dos dados além do diário de campo foram utilizados dois questionários: um acerca das danças em geral, com perguntas que versavam em gostar ou não de dançar, antes da aplicação das rodas de danças circulares; e após a aplicação das rodas, outro quanto as danças circulares realizadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de apresentar, um vídeo documentário “A dança dos Povos” da TV Senado, os alunos receberam o questionário aplicado antes das rodas, em relação ao gostar ou não gostar de dançar. Na sequência da aula aplicou-se a roda “Enas Mythos” – Contemporânea, de Bernhard Wosien em cada escola. Os dados referentes ao questionário aplicado encontram-se na Tabela 1. Para diferenciar os participantes do estudo utilizaram-se as siglas EPu, para alunos da escola pública, e EPa, para os alunos da Escola Particular.

**Tabela 1** - Gostar ou não de Dançar

	Escola Pública EPu	Escola Particular EPa	Total
Sim	8	15	23
Não	15	9	24

Embora na EPa tenha havido 15 alunos que afirmaram gostar de dançar, durante a aplicação do programa verificou-se uma situação completamente contrária. Afirmar “gostar” não significa sucesso nas aulas.

[...] *Isto não é Educação Física!?!?! (Aluno 8).*

[...] *Não vou pagar “mico”, na frente de outra turma (Aluno 12).*

Ao explicar que os passos da dança seriam pequenos passos como os de japonês, surgiram comentários preconceituosos.

[...] *Não gosto de japonês de jeito nenhum (Aluna 5).* [...] *Vamos ficar rodando aqui até “baixar um espírito”?* (Aluno 4). [...] *Isso é coisa de “bibinha”!* (Aluno 2).

Já na escola pública – EPu, na qual 15 alunos afirmaram não gostar de dançar, o processo de aceitação foi diferente, embora o preconceito também tenha acontecido.

[...] *A minha religião não permite que eu dance professora (Aluno 2).*

[...] *Ah.... mas hoje era dia de vôlei!!! (Aluno 5).*

Lhopes e Zaim de Melo (2010) ao investigarem os motivos que levam os alunos a não gostar de dançar nas aulas de Educação Física também encontraram termos pejorativos usados para nominar os alunos que dançavam.

No entanto, houve grande receptividade e participação por parte de uma deficiente física e de um deficiente auditivo, que nunca participavam das aulas de educação física, por não serem escolhidos pelos colegas para as equipes dos jogos coletivos, conforme comentário da professora titular da EPu, que se surpreendeu com a alegria dos mesmos.

Segundo Alencar (2010) em todas as sociedades a adolescência constitui um período de muitas transformações e transições, abrange conceitos culturais e sociais, mudanças físicas, biológicas e psicológicas. Assim o problema da adolescência pode ser entendido como um processo universal, mas que será influenciado por conotações externas peculiares de cada cultura.

Na segunda aula aplicou-se “Círculo Circasiano” – Francesa “Give yourself to Love” – Contemporânea e “Retorno a La Paz” da Argentina.

Na EPa menos de 40% dos alunos apresentaram aprovação e participação das rodas, como demonstrado na Tabela 2.

**Tabela 2** - Aceitação, Receptividade, Participação, Preconceito e Dificuldades

	Aula 1 EPu	Aula 1 EPa	Aula 2 EPu	Aula 2 EPa	Aula 3 EPu	Aula 3 EPa	Aula 4 EPu	Aula 4 EPa
<b>Aceitabilidade</b>	A	B	B	C	A	A	A	B

<b>Receptividade</b>	A	B	B	C	A	A	A	B
<b>Participação</b>	A	C	B	C	A	A	A	B
<b>Preconceito</b>	B	C	B	C	A	B	A	B
<b>Dificuldades</b>	A	B	A	B	A	B	A	B

Para viabilizar os processos de aceitação, receptividade, participação preconceito e dificuldades, utilizou-se a seguinte legenda:

**A** – Quando a pesquisadora percebeu que mais de 70% dos alunos presentes na aula apresentaram aprovação.

**B** – Quando entre 40% a 70% dos alunos apresentaram aprovação.

**C** – Quando menos de 40% dos alunos apresentaram aprovação.

Foram considerados todos os alunos independentemente da presença deles na roda.

[...] *Vamos “perder” outra aula de educação física?* (Aluno 8).

[...] *Ah professor, não posso fazer aula hoje não, tô doente!* (Aluno 3).

[...] *Isso é podre tia! Fala sério, não vou fazer, não!* (Aluna 1).

Na EPU mais de 60% participaram, não sem antes reclamarem, ver na Tabela 2.

[...] *Não gosto de dançar* (Aluno 15). [...] *Tô com o pé machucado* (Aluno 13). [...] *Fala sério Prof....* (Aluno 5).

Alencar (2010) ainda diz que é muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência e considera que toda a comoção deste período da vida deve ser considerada como normal, assinalando também que seria anormal a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente, pois é uma fase de desequilíbrios e instabilidades.

Esses comportamentos se justificam pela própria mudança hormonal, cobrança da sociedade, dos colegas, dos pais e do seu próprio autoconhecimento e autoafirmação.

Já na aula 3 na quadra iniciou-se com a dança contemporânea “Don’t worry be happy”, “Ciranda” de Pernambuco – Brasil e finalizou-se com “Xamã”, também contemporânea, onde nas duas escolas mais de 70% dos alunos presentes na aula apresentaram uma maior aceitação, receptividade e participação, como descrito na Tabela 2.

Na última aula foi lançado o desafio “Alunelul” da Romênia, que requer muita coordenação e agilidade, em seguida dançou-se “Shetland Wedding Dance” da Escócia, parecida com uma quadrilha muito divertida, mas também exige atenção. Repetiu-se dança contemporânea “Don’t worry be happy” e finalizou-se com “Enas Mythos”, que assim como na dança ao dar-se o passo para dentro da roda, olha-se nos olhos de quem participa da dança e mentaliza-se “Eu te saúdo”, dando o passo para trás na dança, “Eu te dou espaço” e quando se dá o passo para o lado na roda “Cada um segue seu caminho”, palavras que deve-se levar para a vida diária, pois desta forma pratica-se o respeito, a inclusão e a comunhão entre os seres humanos. Encerrou-se a aula após responderem ao questionário sobre as danças circulares realizadas.

Na EPA, a participação, receptividade e aceitação foi menor e a conduta em relação ao paradigma do gênero mostrou-se pejorativa.

[...] *Não vou pegar na mão desses meninos, pois não sei aonde colocaram a mão* (Aluna 10). [...] *Não vou dar esses pulinhos e girar como uma florzinha!* (Aluno 20).

Na EPU apesar do número de alunos do sexo masculino ser maior, a aceitação e participação foi de mais de 70%, com as Danças circulares estabelecendo-se as relações de gênero, como relata o aluno no questionário final.

[...] *Eu achei legal, muito bom para nós alunos perder a vergonha de ficar próximo um do outro!* (Aluno 11).

Tais constatações mostram que a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre meninos e meninas nas aulas de educação física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias de atividades.

A cultura, a educação, a sociedade não tem abordado devidamente as questões de gênero, que deveriam ser explicadas e estimuladas desde a mais tenra idade.

Diversos autores como Hanna, Souza e Altmann (1999), buscam compreender como romper a barreira do gênero. Os alunos reproduzindo os conceitos do senso comum/sociedade, que determinadas atividades são masculinas e outras femininas: o futebol, as lutas são para os homens, enquanto a dança, a ginástica para as mulheres.

Os PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais, e também as orientações Curriculares Nacionais “pregam” a diversidade de conteúdos, porém o que se percebe é que na prática isso não acontece.

Gariba (2005, p. 02) “ressalta que a prática da dança nas aulas de educação física ainda se realiza de forma muito restrita. Isto se dá, principalmente, devido ao despreparo na formação dos profissionais”.

Segundo Souza *et al.* (2010), o professor enfrenta muitas dificuldades que comprometem sua atuação, formação precária, desinteresse dos educandos, pouca vivência prática, preconceito sexual, apesar das muitas possibilidades de trabalho dos conteúdos da dança na educação escolar.

Nesta pesquisa constatou-se que os alunos gostaram mesmo sem admitir, conforme reflete-se nas respostas aos questionários após a realização das rodas de danças circulares.

EPa:

[...] *Interessante!* (Aluno 15). [...] *Interessante, legal e nos ensinou novas culturas!* (Aluno 22). [...] *Algumas são interessantes, outras não são legais* (Aluna 9).

EPu:

[...] *Foi legal, porque eu ri bastante e me diverti* (Aluna 10). [...] *Achei legal, me diverti bastante, mas não dançaria no dia a dia* (Aluna 7). [...] *São legais, sim, mas não gostei das danças lentas* (Aluno 1).

De acordo com Ostetto (2009), cada estudante é um indivíduo particular, especial, diferente, por isso o valor e o sabor das experiências com danças circulares serão únicos para cada um. A homogeneidade não é possível mesmo com a aplicação do roteiro planejado previamente pelo professor de forma grupal, tendo em vista a socialização, um dos objetivos principais das danças circulares e, pela pretensão de que todos teriam compartilhado, experimentado e sentido as danças de forma igual, com o mesmo prazer e satisfação.

O processo também é longo, exige tempo não acontece de uma hora para a outra, por isso, quatro encontros talvez não tenham sido suficientes, pois quando forma-se a roda, e estabelece-se um centro comum, seja na dança ou na prática educativa, é em torno dele que se gira e harmoniza-se.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A utilização da dança circular, sob o enfoque educacional, é de extrema importância para o desenvolvimento físico, mental, afetivo e social do ser humano. Por meio da dança, o aluno tem a oportunidade de desenvolver suas capacidades expressiva e criadora, conseguindo adquirir maior domínio dos seus gestos, bem como de suas atitudes, é uma linguagem universal e que faz parte da cultura da humanidade.

Alguns alunos foram tocados com as danças circulares, despertando a ideia do compartilhar, cooperar, além do respeito pelas diferenças e inclusão dos que apresentaram maiores dificuldades, mas também, percebeu-se que se deve começar da base, ou seja, com os anos iniciais do ensino fundamental, ou com o 6º ano como preconiza as diretrizes para a educação física do governo do Estado de Mato Grosso do Sul, com isso amplia-se o tempo e obtêm-se uma aceitação e um aprofundamento maior.

Assim, por ser algo novo, levanta-se a necessidade de capacitar os profissionais de Educação Física para trabalhar com danças circulares, pois com a dança é possível desenvolver a percepção da individualidade de cada ser humano, suas características e diferenças entre alunos e alunas, preservando a identidade pessoal dentro da coletividade, além de trabalhar habilidades e capacidades físicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, C. G. V. Por que me comporto assim? Transformações cerebrais na adolescência. **Revista Uni Brasil**, v. 1, n. 3, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://revista.unibrasil.com.br/index.php/retdu/article/viewFile/74/104>>. Acesso em: 03 nov. 2010.
- ALMEIDA, L. H. H. **Danças circulares sagradas: imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem junguiana**. 2005. 311f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2005. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000374930>>. Acesso em: 25 mai. 2009.
- BARRETO, D. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.
- BARTON, A. **Danças circulares dançando o caminho sagrado**. São Paulo: Triom, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Normas de pesquisa envolvendo seres humanos**. (Resolução 196/96 e outras), 2. ed. Ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <[http://dtr2001.saude.br/lbvs/publicacoes/norma\\_pesq.um.pdf](http://dtr2001.saude.br/lbvs/publicacoes/norma_pesq.um.pdf)>. Acesso em: 09 abr. 2009.
- BILLARD, S. **A Cooperação nas Danças Circulares Sagradas**. 2007. 445f. Tese (Pós Graduação) – Unimonte, 2007. Disponível em: <[http://www.easycoop.com.br/web/emanager/documentos/upload\\_/ACooperacaoDasDanasCircularesSagradasSandrineBillardTCCUnimonte.pdf](http://www.easycoop.com.br/web/emanager/documentos/upload_/ACooperacaoDasDanasCircularesSagradasSandrineBillardTCCUnimonte.pdf)>. Acesso em: 14 mar. 2010.
- COSTA, A. L. B. da. Dança: uma herança à disposição de todos. In: RAMOS, R. C. L. (Org.). **Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2002.
- GARIBA, C. M. S. Dança escolar: uma linguagem possível na Educação Física. **Revista Digital**, Ano 10, n. 85, p. 1-1, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd85/danca.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2010.
- HANNA, J. L. **Dança, Sexo e Gênero: Signos de identidade, dominação, desafio e desejo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LHOPES, F. A. ZAIM-DE-MELO, R. Os meninos nas aulas de Educação Física não dançam ou a eles não são oferecidas a oportunidade de dançar. **Anais do I Seminário de Educação Física escolar**. Corumbá: UFMS/CPAN, 2010.
- LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de educação física. **Currículo sem fronteiras**, v. 7, n. 1, p. 243-252, 2007. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/corpo-genero-nas-praticas-escolares-educacao-fisica>>. Acesso em: 7 set. 2009.
- MATO GROSSO DO SUL. **Diretrizes curriculares da Secretaria de Estado de Educação**. Campo Grande: SEE/SPE, 2008.
- OSTETTO, L. E. Na jornada de formação: tocar o arquétipo do mestre aprendiz. **Revista Pro-Posições**, v. 18, n. 3, p. 195-210, 2007. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/54-artigos-ostetole.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2009.
- OSTETTO, L. E. Na dança e na educação: o círculo como princípio. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 35 n. 1, p. 177-193, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022009000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022009000100012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 out. 2009.
- RAMOS, R. C. L. **Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura**. 2.ed. São Paulo: Triom, 2002.
- RODRIGUES, G. H. C. B. Mudanças. In: RAMOS, R.C.L. (Org.). **Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2002.

ROSA SILVA, A. Possibilidades do dançar em aulas de Educação Física na escola. **Revista Digital**, Ano 12, n. 117, p. 1-1, 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd117/dancar-em-aulas-de-educacao-fisica-na-escola.htm>> Acesso em: 29 mai. 2010.

SAMPAIO, M. I. S. Movimento, educação, dança... In: RAMOS, R.C.L. (Org.). **Danças circulares sagradas**: uma proposta de educação e cura. 2. ed. São Paulo: Triom, 2002.

SOTERO, M. A.; FERRAZ, O. L. Uma única dança nunca é uma dança única. Classificações das danças para uso escolar. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. p. 1-10. Bahia: Conbrace, 2009.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, p. 52-68, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

SOUZA, N. C. P.; HUNGER, D. A. C. F.; CARAMASCHI, S. A Dança na Escola: um sério problema a ser resolvido. **Motriz**, v. 16, n. 2 p. 496-505, 2010. Disponível em: <[www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/.../3006](http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/.../3006)>. Acesso em: 02 nov. 2010.

VALLE, W. **Danças Circulares**: Curso de formação. Campo Grande, 2008.

VALLE, W. Meu Caminho no Círculo da Dança. **Revista Tecendo Idéias**, n.4. Recife: CENAP, 2000.

VERDERI, É. **Dança na escola**: uma proposta pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

WOISEN, B. **Dança um caminho para a totalidade**. 2. ed. São Paulo: Triom, 2006.

ZAIM-DE-MELO, R. **O professor de Educação Física e o novo ensino médio**. 2003. 123f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação e Esporte, EEFEE/USP, São Paulo, 2003.

ZAIM-DE-MELO, R.; FERRAZ, O. L. O professor de Educação Física e o novo ensino médio. 2007. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 2, p. 86-96, 2007. Disponível em: <[www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/.../756](http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/.../756)>. Acesso em: 02 nov. 2009.

Vladis Carbonari Profissional de Educação Física, Professora especialista em Yoga e Danças Circulares. Endereço: Rua Mustafá Abdo Sater, 1035 – Parque Alvorada  
CEP: 79.823-469 – Dourados MS